

EXPECTATIVAS DOS JOVENS DIANTE DO MUNDO DO TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: SENTIDOS E PERSPECTIVAS

LAS EXPECTATIVAS DE LOS JÓVENES ANTE EL MUNDO DEL TRABAJO EN LA CONTEMPORANEIDAD: SIGNIFICADOS Y PERSPECTIVAS

YOUNG PEOPLE'S EXPECTATIONS REGARDING THE WORLD OF WORK IN CONTEMPORARY TIMES: MEANINGS AND PERSPECTIVES

Josimar de Aparecido Vieira*
josimar.vieira@sertao.ifrs.edu.br

Adele Stein Kuhn*
adele.nmt@gmail.com

Daniela Boza*
danichbosa@gmail.com

Marilandi Maria Mascarello Vieira*
mariland@unochapeco.edu.br

Juliana Gonçalves Viegas da Fontoura*
julianafontoura1977@gmail.com

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Sertão

Resumo

O mundo do trabalho vem sendo impactado por intensas alterações nas últimas décadas, motivadas pelo fenômeno da globalização. Diante deste cenário, neste trabalho são analisadas as percepções dos jovens acerca dos sentidos e expectativas que possuem em relação ao mundo do trabalho. Constituído numa perspectiva quantitativa-qualitativa, foi produzido por meio de pesquisa de campo, assumindo a forma de estudo de caso. A investigação está em fase de produção de dados, envolvendo a participação de 152 jovens matriculados em cursos técnicos e superiores de um Instituto Federal localizado na Região Sul do Brasil, escolhidos de forma aleatória. Neste estudo foram analisadas contribuições de 74 jovens que foram coletadas por meio de formulário eletrônico aplicado no *google forms*, composto por 33 questões abertas e fechadas. Nele consta a fundamentação teórica, que trata das juventudes da atualidade e das percepções dos jovens sobre o mundo do trabalho, o percurso metodológico e a apresentação e análise dos dados. Os resultados indicam que os jovens fazem suas escolhas profissionais sob influência da família, são bastante otimistas em relação ao futuro, ainda tem uma forte tendência a relacionar trabalho e emprego e acreditam na escolarização como possibilidade de obter boa formação profissional e ampliar as oportunidades de inserção no mundo do trabalho.

PALAVRAS CHAVE: Jovens; juventudes; mundo do trabalho; contemporaneidade.

Resumen

El mundo del trabajo ha sufrido intensos cambios en las últimas décadas, motivados por el fenómeno de la globalización. Ante este escenario, este trabajo analiza las percepciones de los jóvenes sobre los significados y expectativas que tienen en relación con el mundo del trabajo. Constituido en una perspectiva cuantitativa-cualitativa, se produjo mediante una investigación de

campo, adotando a forma de um estudo de caso. La investigación está en fase de producción de datos, involucrando la participación de 152 jóvenes matriculados en cursos de educación técnica y superior de un Instituto Federal ubicado en la Región Sur de Brasil, elegidos al azar. En este estudio se analizaron y recogieron las aportaciones de 74 jóvenes a través de un formulario electrónico aplicado en google forms, compuesto por 33 preguntas abiertas y cerradas. Contiene la fundamentación teórica, que trata de la juventud actual y de las percepciones de los jóvenes sobre el mundo del trabajo, el recorrido metodológico y la presentación y el análisis de los datos. Los resultados indican que los jóvenes toman sus decisiones profesionales bajo la influencia de la familia, son bastante optimistas sobre el futuro, siguen teniendo una fuerte tendencia a relacionar trabajo y empleo y creen en la escolarización como una posibilidad de obtener una buena formación profesional y ampliar las oportunidades de inserción en el mundo laboral.

PALABRAS CLAVE: Juventud; juventud; mundo del trabajo; contemporaneidad.

Abstract

The world of work has been impacted by intense changes in recent decades, motivated by the phenomenon of globalization. Given this scenario, this paper analyzes the perceptions of young people about the meanings and expectations they have in relation to the world of work. Formed in a quantitative-qualitative perspective, it was produced by means of field research, taking the form of a case study. The research is in the phase of data production, involving the participation of 152 young people enrolled in technical and higher education courses at a Federal Institute located in the Southern Region of Brazil, chosen at random. This study analyzed contributions from 74 young people that were collected through an electronic form applied on Google forms, composed of 33 open and closed questions. It contains the theoretical foundation, which deals with today's youth and the perceptions of young people about the world of work, the methodological path, and the presentation and analysis of the data. The results indicate that young people make their professional choices under the influence of their families, are quite optimistic about the future, still have a strong tendency to relate work and employment, and believe in schooling as a possibility to get a good professional education and expand the opportunities for insertion in the world of work.

KEYWORDS: Youth; youth; world of work; contemporaneity.

1. Introdução

A relação jovens e mundo do trabalho remete a necessidade de aprofundamento da categoria “formação humana” como processo de desenvolvimento que tem a finalidade de atuar sobre os espaços de produção e de sociabilidade. No livro *Ideologia Alemã* de Marx e Engels (2005), a formação humana é compreendida como o processo de tornar-se homem por meio do trabalho. Tal afirmação se fundamenta em pressupostos, sendo um deles a existência humana, ou seja, o homem deve estar vivo. Ele produz sua condição material na medida em que, por diversas contingências (climáticas, físicas, geográficas) obriga-se a produzir sua existência e, assim, produzir história. Todos os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história.

Nesta direção, ao satisfazer uma exigência, via trabalho, por conseguinte outras necessidades se criam, recriam e se transformam. O intenso avanço tecnológico, a escassez de recursos produtivos e de mão de obra qualificada, o diferenciado perfil do consumidor e outros fatores de cunho social, econômico e cultural têm levado as organizações a uma acalorada competitividade entre si, que afetam

as pessoas que buscam ingressar ou se manter no mundo do trabalho, por meio das exigências de qualificação profissional.

No bojo dessas adversidades do mundo do trabalho estão os jovens. Definir o que seja jovem ou juventude é um exercício complexo, pois corresponde a construções sociais nem sempre presentes nas sociedades nem manifestadas da mesma forma ao longo da história de uma dada sociedade. É nas juventudes que são tomadas decisões importantes no que diz respeito ao caminho de vida a seguir. Essa fase está associada, não raro, ao período de desencanto com as gerações anteriores, vistas como conformistas e defensoras da antiguidade. É por isso que se associa juventudes à rebeldia e movimentos detratores do passado. Para Abramo (2005, p. 37),

Juventude é um desses termos que parecem óbvios, dessas palavras que se explicam por elas mesmas e assunto a respeito do qual todo mundo tem algo a dizer, normalmente reclamações indignadas ou esperanças entusiasmadas. Afinal, todos nós somos ou fomos jovens (há mais ou menos tempo), convivemos com jovens em relações mais ou menos próximas, e nas últimas décadas eles têm sido tema de alta exposição nos diferentes tipos de mídia que atravessam nosso cotidiano.

Considerando a circunstância atual de estreitamento e instabilidade do mundo do trabalho, de acentuadas demandas de qualificações profissionais e do sobressalente de mão de obra pouco escolarizada e especializada, um dos maiores obstáculos a serem enfrentados é a inserção dos jovens que são os mais penalizados com o desemprego e a precarização do trabalho, que se manifesta nos baixos rendimentos, longas jornadas de trabalho, instabilidade ocupacional, alta rotatividade e ausência de mecanismos de proteção social e trabalhista. A terceirização e a flexibilização da economia vêm causando fortes impactos no mercado de trabalho em todo o Brasil, provocando a presença simultânea e combinada do desemprego aberto em larga escala, do desassalariamento e da geração de postos de trabalho precários (POCHMANN, 2001). A substituição de mão de obra por robôs, antes uma realidade restrita às atividades fins, típicas do setor industrial, hoje é uma realidade também nos demais setores produtivos.

Esses desafios e questões, típicos da sociedade contemporânea, têm gerado demandas em termos de pesquisas devido à urgência com que esta problemática se apresenta à sociedade. Frente a esta realidade de dissolução dos postos de trabalho tradicionais aos quais a educação escolarizada formal está caracterizada, trazer à luz da discussão as expectativas dos jovens diante do mundo do trabalho na contemporaneidade parecem ser mister para as juventudes atuais.

Diante dessas considerações está situado o problema de pesquisa que está assim enunciado: Que expectativas os jovens possuem acerca do mundo do trabalho e da sua inserção nele? Para dar conta deste problema, foi definido como objetivo compreender as percepções dos jovens acerca dos sentidos e expectativas que possuem em relação ao mundo do trabalho.

O trabalho foi produzido a partir de estudos realizados no projeto de pesquisa “Juventudes e a inserção no atual mundo do trabalho: indicadores para a formação profissional” que está sendo desenvolvido em um Instituto Federal da Região Sul do Brasil com apoio de uma fundação de amparo à pesquisa. O referido projeto busca analisar percepções que juventudes possuem sobre o processo de inserção no atual mundo do trabalho, com a finalidade de apontar indicadores para processos de formação profissional. Neste estudo é apresentado um recorte deste estudo, centrado nos sentidos e nas expectativas que os jovens possuem em relação ao mundo do trabalho na atualidade.

Com isso, o texto está estruturado em quatro seções, sendo que a primeira aborda a fundamentação teórica, que trata das juventudes e suas percepções acerca do mundo do trabalho; na sequência é apresentado o percurso metodológico onde estão descritos os procedimentos adotados para a sua produção; na terceira seção são apresentados e analisados os dados obtidos da pesquisa de campo e, por fim, constam as considerações finais do estudo.

2. Fundamentação teórica

2.1. As juventudes da atualidade

O interesse pela pesquisa sobre juventude tem crescido substancialmente nas últimas décadas. Cita-se como ilustrativo o trabalho de Goulart (2018, p. 40) que produziu um estudo histórico acerca do modo como a problematização da juventude vem se desenvolvendo no Brasil nos últimos 50 anos a partir de saberes e práticas institucionais, para o qual analisou textos acadêmicos e institucionais deste período tomando como referência a sociologia da juventude. Ele afirma que “O nosso tempo é aquele no qual se reflete muito sobre a juventude: busca-se pensar o jovem naquilo que ele é, prescrevem-se políticas públicas voltadas a ele, indica-se qual seria a melhor forma de educá-lo, sendo, então, o jovem cada vez mais produzido como um objeto de saber” (GOULART, 2018, p. 40).

Também nesse sentido podemos apontar o trabalho de Angeli (2019) que analisou, a partir dos discursos dos jovens estudantes de ensino médio, cuja escola contempla a educação profissional, os seus entendimentos sobre as metodologias e os discursos elaborados pela instituição de aprendizagem profissional em relação ao seu presente e futuro. Também podemos citar a publicação do Itaú Educação e Trabalho (2020) que tem como foco central a formação dos jovens e a articulação da educação com o mundo do trabalho.

Mas o que se entende por juventude? Do ponto de vista jurídico, o Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, reconhece como jovens as pessoas com idade entre 15 a 29 anos. Conforme Aquino (2009), com as discussões em torno da elaboração do Estatuto, foram criadas subcategorias: jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (18 a 24 anos) e jovem-adulto (25 a 29 anos). No entanto, é importante ressaltar que esses parâmetros etários são apenas referenciais para o reconhecimento político da fase juvenil, pois não podemos nos ater somente na idade biológica para situar esta fase da vida.

Isso porque o conceito de juventude é construído historicamente por meio das fases evolutivas do ser humano, que biológica, social e culturalmente, acontece no período intermediário entre as crianças e a adultez (GROPPO, 2017). O debate sobre essa conceituação é constantemente analisado e com diferentes olhares por psicólogos, antropólogos e demais pesquisadores. De acordo com Carrano (2013, p. 1), “[...] a identidade juvenil é apresentada não como algo que possa estar comprometida em determinada idade biológica, mas como um processo de contínua transformação, individual e coletiva, no jogo de experiências múltiplas”. Para Parizotto e Tonelli (2017) as definições de juventude fundamentam-se em dois critérios: o etário e o sociocultural. Isso mostra que o comportamento do jovem muda conforme sua classe social, nacionalidade, gênero e seu contexto regional. Assim, de acordo com a fase evolutiva em que se encontra:

[...] a vivência juvenil na contemporaneidade tem se mostrado mais complexa, combinando processos formativos com processos de experimentação e construção de trajetórias que incluem a inserção no mundo do trabalho, a definição de identidades, a vivência da sexualidade, da sociabilidade, do lazer, da fruição e criação cultural e da participação social (CARA et al., 2006, p. 20).

Nesse sentido, há crescente mudança na forma como os jovens constroem suas experiências e essas vivências são cada vez mais fragmentadas, onde há a participação em grande número de redes e grupos, com permanência cada vez mais reduzida em cada um deles. O acesso e a disseminação de informação estão crescendo em um ritmo sem precedentes. As relações interpessoais, formas de lazer, tempo de consumo, o ambiente educacional ou de trabalho oferecem uma pluralidade de possibilidades nunca vivenciadas antes. Esse cenário social traz consigo uma instabilidade maior sobre o futuro e a fragilidade das referências usadas para a construção da identidade dos jovens (MELUCCI, 2007).

Diante desse contexto, Cara et al (2006, p. 5) expressam a ideia da juventude diversa, ou seja, das juventudes:

[...] em um entendimento mais amplo, ser jovem no Brasil contemporâneo é estar imerso - por opção ou por origem - em uma multiplicidade de identidades, posições e vivências. Daí a importância do reconhecimento da existência de diversas juventudes no país, compondo um complexo mosaico de experiências que precisam ser valorizadas no sentido de se promover os direitos dos/das jovens.

No entanto, Goulart (2018, p. 95) expressa que essa diversidade não se restringe a categoria juventude: “A multiplicidade de experiências juvenis marca, além disso, a constituição de uma sociedade mais diversa, pois não é só a juventude que vivencia a diversidade, mas todas as faixas etárias e grupos sociais. Hoje o “s”, tal como utilizado em *juventudes*, é comum ao se falar sobre infância, vida adulta, gênero, etc”.

Conforme ficamos mais atentos com a juventude, também nos deparamos com os problemas enfrentados nesta fase da vida. Nesse sentido, podemos afirmar que os jovens compõem a parcela da população mais vitimizada pelas distintas formas de violência presentes no Brasil; enfrentam enormes dificuldades de ingresso e permanência no mercado de trabalho; sofrem impedimentos no acesso a bens culturais; não têm assegurado o direito a uma educação de qualidade e não recebem tratamento adequado no tocante às políticas públicas de saúde e lazer. Nesta direção, Cara et al. (2006, p. 7) destaca que “[...] o reconhecimento de seus direitos deve estar alicerçado em uma perspectiva ampla de garantia de uma vida social plena e de promoção de sua autonomia. Portanto, seu desenvolvimento integral é legítimo e de interesse de todo o conjunto da sociedade”.

Ainda, “[...] a juventude brasileira é fruto da sociedade brasileira e, em tempos de globalização e rápidas mudanças tecnológicas, deve ter condições, oportunidades e responsabilidades específicas na construção de um país justo e próspero” (CARA et al., 2006, p. 7). Em vista disso, precisamos conhecer quais são suas percepções sobre o mundo do trabalho, entender como se relacionam com ele e quais são suas expectativas, pois é por meio da sua inserção social, principalmente por meio do trabalho, que poderão contribuir para o desenvolvimento social de forma mais igualitária.

2.2. Percepções dos jovens sobre o mundo do trabalho na atualidade (sentidos e perspectivas)

Quanto a presença de jovens na população brasileira, a publicação do Itaú Educação e Trabalho (2020) informa que, pelos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o Brasil registrou, de meados da década de 2000 até meados da de 2020, o maior número de jovens de 15 a 29 anos que já teve e que provavelmente jamais voltará a ter. Esse platô demográfico de vinte anos de duração trouxe e ainda está trazendo ao país uma volumosa força produtiva.

Mesmo que nas últimas décadas tenha havido elevação do nível de escolaridade entre os indivíduos, é notório o alto índice de desemprego e a exclusão social daqueles que não estão “aptos” às mudanças técnico-funcionais capitalistas (GOMES et al. 2006). Ainda segundo Carrano e Falcão (2011), mesmo concluindo a escolaridade obrigatória – no caso o ensino médio - os jovens enfrentam maiores dificuldades de inserção no mundo do trabalho, enfrentam piores condições de trabalho e recebem salário menor do que adultos sem formação.

É preciso considerar que desde o fim do século XX, as aceleradas transformações que vêm acontecendo na sociedade estão instituindo alterações em diferentes esferas de vida das pessoas (MAIA; MANCIBO, 2010). Andrade (2008), afirma que os jovens encontram muitas dificuldades em conseguir uma ocupação profissional, principalmente para o primeiro emprego, uma vez que há crescente demanda por experiência, qualificação e aumento da competitividade.

Na atualidade as transformações sociais no âmbito do trabalho influenciaram significativamente no estabelecimento de contratos temporários e na multifuncionalidade do trabalhador e essa adequação de normas trabalhistas está decorrendo a trabalhos precários e ao aumento do desemprego juvenil (MORAES e ROCHA-de-OLIVEIRA, 2021). Essas mudanças no mundo do trabalho, por gerarem

incertezas e riscos ao campo do trabalho, faz com que os jovens se afastem cada vez mais de suas reais expectativas com o futuro e acabam aderindo à lógica do mercado, que em sua maioria não preza pelas escolhas e ideais de seus trabalhadores.

Para Antunes (2018) os jovens, que hoje compõem a categoria de proletariado de serviços, possuem baixas expectativas com relação ao seu futuro no mundo do trabalho e descontentamento com relação ao presente. Isso se deve ao fato da oferta de ocupação se concentrar em serviços invisibilizados, individualizados e precarizados e, essa condição, leva a instabilidade e a insegurança do jovem que não vê a possibilidade de melhoria ou crescimento no trabalho.

Melo (2019, p. 211-212) também comenta acerca da situação dos jovens no mundo do trabalho:

Grande parte dos jovens enfrenta altas jornadas de trabalho, de 6h a 8h diárias, trabalhando aos sábados e/ou domingos. A jornada de trabalho é um elemento importante por representar a possibilidade (ou não) de continuidade da escolarização e progressão para postos de trabalho mais qualificados. Há uma diferenciação da jornada de trabalho diária das mulheres jovens, pois é comum que tenham mais jovens homens trabalhando do que trabalhadoras, bem como um maior índice de trabalho regular entre os homens jovens.

A não inserção ou a precariedade dessa inserção dos jovens ou de indivíduos dos demais segmentos populacionais no mercado de trabalho é justificada pelo capital com o pretexto destes não possuírem a qualificação ou não terem o perfil profissional exigido, sendo o próprio indivíduo culpabilizado por sua exclusão.

Diante deste contexto, nessa seção procuramos identificar estudos que expressam as percepções dos jovens acerca do mundo do trabalho. Nesse sentido, Carrano e Falcão (2011) identificaram, em suas pesquisas, grande insatisfação por parte dos jovens em relação ao currículo escolar, considerado exageradamente teórico, esvaziado de sentido porque concebe o mundo do trabalho apenas como promessa futura e sem relação com o seu presente que, para muitos deles, já é realidade. Isso causa tensão entre os jovens e a escola e, não raro, leva ao abandono escolar. Para Rocha-de-Oliveira (2012, p. 130) é necessário que as experiências dos jovens decorridas da interação em seus contextos sociais e sua vivência na fase de juventude sejam associadas para que a escola possa contribuir na sua inserção profissional.

O trabalho publicado pela Itaú Educação e Trabalho (2020) analisou vários estudos acerca da relação dos jovens com o mundo do trabalho e, no que concerne ao papel da escola, concluiu que:

O sentido da escola para o jovem é um dos determinantes de seu mundo profissional. Eles se perguntam muitas vezes para que serve estudar e qual a relação entre o aprendem na sala de aula tradicional e o futuro deles, porque estes lhes parecem dissociados. Há jovens que afirmam ir à escola muito mais pelos amigos e colegas, ou seja, para se socializar, do que para aprender em longas aulas expositivas nas quais recebem conteúdos de forma passiva (p. 41).

Entretanto, Barbosa (2020) analisou a importância do ensino médio para o mundo do trabalho, na concepção dos jovens estudantes desta etapa da educação básica e concluiu que eles tem bastante expectativa nesse sentido, já que 93% dos pesquisados afirmaram que o ensino médio desempenha o papel de inseri-los no mercado de trabalho por meio das disciplinas ofertadas no currículo e consideram que algumas serão utilizadas posteriormente em suas atividades laborativas.

Essa expectativa dos jovens em relação ao seu futuro profissional também foi constatada nas pesquisas analisadas pela Itaú Educação e Trabalho (2020), como a pesquisa Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?, de 2016, realizada por Flacso-Brasil (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), OEI (Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, a

Ciência e a Cultura) e do MEC (Ministério da Educação) que concluiu que, dentre os mais de 8 mil estudantes de 15 a 29 anos participantes, 37% responderam que frequentam a escola para ter uma vida melhor e 32,3% para conseguir um emprego melhor, o que indica que “[...] boa parte sabe que a escola, apesar dos desprazeres e insatisfações que provoca, ainda é um meio de alcançar os sonhos, porque ali obterá mais capital cultural e acesso mais qualificado ao mundo do trabalho” (Itaú Educação e Trabalho, 2020, p. 44).

Frente a esse contexto, ressalta-se que a educação profissional e tecnológica oferecida por instituições de ensino públicas e privadas pode proporcionar aos jovens uma educação que contemple a ciência e o trabalho, o que é fundamental para se adequar e vivenciar o processo de transformação social e tecnológica que o país enfrenta, ou seja, formar um cidadão para o mundo do trabalho e não apenas um profissional para o mercado. Para tanto, é preciso restabelecer o ensino médio integrado ao viés politécnico, propiciando assim, o restabelecimento do vínculo educacional entre jovens-adultos e adultos (PACHECO, 2018).

De acordo com Ng e Feldman (2007) o período de transição entre escola e trabalho é o momento ideal para que os jovens reflitam sobre suas habilidades e escolhas de carreira, uma vez que sua decisão poderá impactar seu sucesso futuro. Por outro lado, o modelo school-to-work apresentado por Moraes e Rocha-de-Oliveira (2021) consiste na passagem do sistema de ensino para o mercado de trabalho. Ou seja, aqui a educação é a protagonista do jovem ou do acadêmico, e tanto o Estado quanto as instituições são as responsáveis pelo sucesso dessa mudança, enquanto a inserção profissional é a passagem da escola/universidade para o mercado de trabalho. Dessa forma o jovem é preparado para a sociedade atual com um viés profissional qualificado e democrático.

A inserção dos jovens no mundo do trabalho consolida-se como um grande desafio. Trata-se de público mais vulnerável, que enfrenta maiores dificuldades de inserção e tende a encontrar ocupações mais precárias, situação agravada, em muitos países, pela baixa escolaridade e pela fragilidade da formação educacional de grande parte da população. Na atualidade, jovens de todas as classes e situações sociais expressam inseguranças e angústias ao falar das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Eles vivenciam, de modo sofrido e dramático, o que alguns estudiosos têm chamado de “medo de sobrar” (NOVAES, 2007).

Nessa perspectiva, a próxima seção abordará os resultados e as discussões obtidas durante a pesquisa, alavancando os dados coletados de jovens do ensino médio integrado à educação profissional.

3. Percorso metodológico

Considerando seu intento, este estudo se identifica como quantitativo-qualitativo, na medida em que, para a análise do objeto de estudo, lança mão tanto de elementos quantitativos (questões fechadas), quanto de elementos qualitativos (questões abertas). Segundo Knechtel (2014, p. 106) a abordagem quantitativa-qualitativa é aquela que “[...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos (semântica)”.

Quanto aos procedimentos técnicos, a investigação se classifica como pesquisa de campo, do tipo estudo de caso visto como “[...] uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2005, p. 32).

Gil (2002, p. 55) explica que o estudo de caso não é utilizado com o intuito de fornecer um conhecimento preciso da unidade em análise, mas “[...] de proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”.

Assim, o lócus da pesquisa foi um Instituto Federal localizado na Região Sul do Brasil e os sujeitos foram estudantes que frequentam o curso Técnico em Agropecuária nas formas integrada e subsequente ao ensino médio, Técnico em Suporte e Manutenção em Informática integrado ao ensino médio e os cursos superiores em Agronomia, Agronegócio, Análise e Desenvolvimento de Sistemas,

Ciências Biológicas, Gestão Ambiental e Zootecnia. A amostra envolveu 20% dos matriculados naqueles cursos, o que totalizou 152 participantes. Para esse trabalho, entretanto, como a pesquisa estava em andamento, os dados analisados referem-se às contribuições de 74 participantes dos diversos cursos mencionados. Importa ressaltar que o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética com Seres Humanos, tendo sido aprovado pelo Parecer nº 4.169.416.

A pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre de 2020, no contexto de isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 fazendo uso de formulário eletrônico aplicado por meio do *google forms*. Para o encaminhamento do formulário contou-se com o auxílio dos coordenadores dos cursos mencionados que fizeram contato com os estudantes por e-mail explicando as razões do estudo e divulgando o link do formulário, estimulando-os à participação. Assim, o formulário foi enviado para a totalidade dos estudantes, sendo que não houve critério de exclusão.

O formulário foi composto por 33 questões, sendo 16 abertas e 17 fechadas, cujos temas centrais foram: a) perfil dos participantes (sexo, residência, idade, filhos, tipo de escola de origem, nível de escolaridade do pai e mãe); b) formação profissional (curso frequentado e outras atividades de qualificação); c) conhecimento sobre o contexto atual (assuntos em debate, principais características da sociedade atual, problemas nacionais, fontes de informação); d) juventude/s (concepção, perfil do jovem, inserção dos jovens no trabalho, dúvidas e perspectivas futuras); e) o trabalho e o emprego (trabalho e seus sentidos, condições de ingresso/requisitos do mercado de trabalho, experiências profissionais, atividades que desempenha, relação entre educação/escolarização e trabalho, perspectivas e projeções para o trabalho no futuro). Registre-se, entretanto, que devido à extensão do formulário, para este trabalho foi necessário fazer um recorte dos temas. Assim, para a elaboração deste trabalho foram selecionadas questões que expressam expectativas dos jovens sobre o mundo do trabalho e sua inserção nele.

Quanto à análise dos dados, os quantitativos foram analisados a partir de conceitos da estatística descritiva. De acordo com Coutinho, Novaes e Queiroz (2013), no momento da organização das informações, a análise estatística descritiva tem como intuito a interpretação destes dados de uma maneira que possibilite ao pesquisador um olhar integral, a facilidade na leitura dos dados, a apreensão de padrões, entre outros. Os dados qualitativos, por sua vez, foram analisados a partir da análise de conteúdo. Segundo Bardin, a análise de conteúdo é

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, visa obter indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2002, p. 46).

Nesta direção, na sequência são apresentados dados que buscam caracterizar percepções (sentidos e perspectivas) de jovens diante do mundo do trabalho tendo como referência o contexto do caso envolvido nesta investigação de uma instituição de ensino que oferece ações de formação profissional.

4. Resultados e discussões

Num passado não tão distante havia ocupações profissionais definidas e em menor quantidade. Atualmente é possível constatar inúmeras novas áreas de trabalho, vinculadas principalmente com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das tecnologias. Diante desse cenário, torna-se necessário compreender os sentidos e expectativas que os jovens possuem, permitindo assim, entender seu próprio modo de ser, de agir, de pensar e de enfrentar o mundo do trabalho.

Nesta direção, nesta seção são analisados os dados coletados e, quanto ao perfil dos participantes, dentre os 74 respondentes, 44 são do sexo feminino e 30 do sexo masculino. Desses jovens, 28 têm idade

de 15 a 17 anos; 27 possuem de 18 a 21 anos; 14 tem de 22 a 25 anos e os demais (5) apresentam idade superior a 26 anos. Isso significa que esse grupo foi constituído pelas três subcategorias: jovem-adolescente, jovem-jovem e jovem-adulto.

Em relação ao grau de escolaridade dos genitores, apenas um pai não frequentou a escola, cursaram as séries iniciais 23 pais e 12 mães; nos anos finais há 17 pais e 11 mães, o ensino médio foi concluído por 25 pais e 32 mães e 8 pais e 19 mães concluíram a educação superior. Os dados apontam que as mulheres têm maior grau de escolaridade, já que em maior número frequentaram o ensino médio e superior, o que confirma a tendência geral de aumento da escolaridade das mulheres, conforme dados estatísticos nacionais que indicam que elas atingem em média um nível de instrução superior aos homens.

Quanto à região geográfica, os estudantes residem no norte do Estado do Rio Grande do Sul, em 35 municípios distintos, o que se explica devido ao fato dos Cursos Técnicos serem oferecidos em regime de internato, o que atrai estudantes de diferentes localidades.

No que concerne ao tipo de escola em que cursaram o Ensino Fundamental ou Médio, 60 são oriundos de escolas públicas e 14 de instituições privadas.

Os cursos por eles frequentados na instituição são:

- a) Técnico em Agropecuária integrado ao ensino médio (30);
- b) Técnico em Agropecuária subsequente ao ensino médio (2)
- c) Técnico em Suporte e Manutenção em Informática integrado ao ensino médio (2)
- d) Bacharelado em Agronomia (16);
- e) Bacharelado em Zootecnia (14)
- f) Licenciatura em Ciências Biológicas (7);
- g) Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental (2)
- h) Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (1)

Os participantes frequentam cursos de formação profissional de nível técnico ou superior e lhes foi perguntado as razões da escolha desses cursos, tendo sido obtidas 68 respostas que foram agrupadas gerando as seguintes categorias:

1) Vínculo familiar com a área do curso: “nascido e criado no campo”; “família do meio rural”; “incentivo de um familiar”; “contato com os animais”; “meio que me reconheço”.

2) Identificação com a área: “amor pelos animais”; “porque gosto da área animal e plantas forrageiras”; “gosto da área que lida com os animais de produção”; “sempre gostei da área”; “paixão e fascinação pela agricultura sustentável”, “identificação com a área”; “interesse pelo setor agrícola”; “sempre quis fazer este curso (interesse pela área)”.

3) Busca pelo aperfeiçoamento técnico: “estudar sobre bem-estar animal, nutrição e melhoramento genético”; “aprimoramento dos conhecimentos”; “ajudar na questão Ambiental”; “aprender mais sobre agropecuária”; “dirigir a propriedade rural (sucessão)”.

4) Possibilidade de empregabilidade e atuação profissional: “por ser curso de licenciatura”; “oportunidade de trabalhar em escolas (ser professor)”; “oferece conhecimentos referentes ao meio ambiente”; “área em amplo desenvolvimento”; “área com grande oferta de emprego”; “oportunidades de trabalho que a zootecnia proporciona”; “oportunidades em várias áreas no mercado de trabalho”; “projeção para emprego futuro”; “mercado de trabalho aquecido”; “oportunidades de emprego”.

5) Qualidade da instituição de ensino: “por ser curso de uma instituição federal de ensino”; “ensino médio de maior qualidade”; “por ser um bom curso técnico no ensino médio”; “possibilidade de prosseguir os estudos, ingressando no curso superior”.

O maior número de respostas incidem em razões relacionadas ao vínculo com a área, o que indica que os estudantes estão escolhendo profissões relacionadas a atividades já desenvolvidas no núcleo familiar, além de razões ligadas às possibilidades de atuação profissional futura, o que demonstra a expectativa de atuação profissional. Assim, o processo de escolhas de carreiras profissionais pelos jovens pode estar relacionado às percepções que possuem sobre o mundo do trabalho.

Além disso, outras variáveis podem interferir neste processo, sendo a família apontada em primeiro lugar (SANTOS, 2005), o que pode lhe ajudar a encontrar suas aptidões ou atrapalhar, quando tenta escolher a profissão do mesmo. Nesse sentido, dados das pesquisas analisadas pela Itaú Educação e Trabalho (2020) – como, por exemplo, a pesquisa Juventudes e conexões, realizada em 2019 pela Fundação Telefônica, em parceria com a Rede Conhecimento Social e Ibope Inteligência - permitiram concluir que os professores e os familiares exercem grande influência na concepção de futuro dos jovens, tanto encorajando-os em suas escolhas, quanto prevenindo-os sobre os possíveis percalços da trajetória. As pesquisas relatadas na publicação mencionam que são comuns os relatos de pais e de educadores sobre descompassos entre o que o jovem deseja, em suas idealizações, e o que é verdadeiramente realizável no mundo do trabalho e na vida adulta.

Também os dados de trabalhos acadêmicos apontam a importância da escolarização para a formação profissional e inserção no mundo do trabalho, confirmando Baudelot (2004, p. 8) que afirma que “Estudar não é mais um fim em si mesmo, mas um meio de assegurar promoção ou salvação. As expectativas em termos de educação se misturam às expectativas de promoção social”.

Buscando compreender esta relação entre juventude e escola, uma questão incluída no questionário versou sobre o que/quem o ajudou a escolher o curso e as respostas confirmam que a escolha da carreira profissional é influenciada fortemente pelos familiares, seguido pela vontade própria, influência de professores referenciais, localização da instituição de ensino, gosto pela área na qual está se formando, entre outros aspectos, o que confirma os dados da pesquisa Juventudes e conexões, que apontou que a família é essencial para os jovens decidirem quem são (49%) e para fazerem parte da sociedade (43%), ao passo que professores são importantes como referência para aprenderem (61%), participarem da sociedade (40%), empreenderem (45%) e decidirem quem querem ser (45%). Ainda a mesma pesquisa concluiu que para 60% de um total de 1.440 jovens de 15 a 29 anos, de todas as regiões do país e de todas as classes sociais, a escola e a faculdade são suas principais referências, principalmente para o aprendizado, e para 56% elas são as instituições mais importantes para a formação de suas identidades. (ITAÚ EDUCAÇÃO E TRABALHO, 2020).

Além de estudar, esses jovens se ocupam com atividades cotidianas que, de certa forma, contribuem para compreender suas expectativas sobre o mundo do trabalho. Ao serem indagados sobre o que fazem no dia a dia, foram obtidas informações como: “ajudo meus familiares em casa com trabalhos do campo e presto serviços para a comunidade”; “faço estágio, sou bolsista de projetos relacionados com o curso que frequento”; “consigo trabalhar em horários alternativos às aulas”; “realizo leituras em livros e artigos além das solicitadas pelo curso que realize”. Em contrapartida, outros participantes registraram o que gostariam de fazer, mas não tem condições de realizar: “gostaria de ter mais tempo para realizar atividades físicas”; “devido a pandemia, meu tempo está todo ocupado com o ensino remoto”; “gostaria de realizar mais cursos profissionalizantes, de língua estrangeira, ter mais momentos de lazer”; “gostaria de desenvolver alguma atividade profissional e tenho receio de não ser aceita pelo fato de ser mulher”; “gostaria muito de trabalhar e os horários das aulas não permitem”.

Diante desses dados é possível perceber que, enquanto vivem, os jovens estabelecem experiências sociais que são expostas por meio de estilos de vida específicos e distintos, entendidos como culturas juvenis. Os diversos estilos de vida são forjados pelo meio no qual os jovens estão inseridos, pelas oportunidades que recebem, pelas opiniões que o cercam e por influências de outros sujeitos, meios e esferas sociais, além de características individuais e pessoais (DAYRELL, 2007).

Considerando que nosso intento é compreender as expectativas que os jovens possuem sobre o mundo do trabalho, os participantes foram indagados sobre os fatores que asseguram um emprego, sendo que os respondentes apontaram dois fatores ligados principais:

a) Boa formação profissional: “bom conhecimento teórico, aliado a boa experiência prática”; “boa qualificação, experiência e força de vontade”; “ser bolsista ou estagiário pode proporcionar aprendizados e oportunidades no mercado de trabalho”; “ser bom no que faz e fazer bem o que aprendeu”; “boa formação e ter um pouco de experiência”; “estar sempre estudando e atualizado,

desenvolvendo-se mais a cada dia”; “boa formação acadêmica”; “ser competente e ter vontade de evoluir”;

b) Características pessoais: “ser ético, informado e pontual”; “estudar, ser dedicado, ter vontade, gostar do que faz e ser esforçado”; “saber comunicar-se com diferentes pessoas”; “força de vontade para buscar o melhor emprego”; “ser proativo, criativo, entusiasmado, possui inteligência emocional”; “ter capacidade de empreender, de trabalhar em equipe e vontade de aprender e ensinar”;

Os dados permitem refletir sobre os caminhos que os jovens pensam em trilhar visando a inserção profissional e reafirmam a importância da escola, especialmente a pública – que concentra mais de 80% das matrículas – para fornecer ao jovem pistas sobre os sentidos e rumos que eles podem seguir em relação à ocupação profissional.

As expectativas de futuro compreende aquilo que os jovens percebem em relação às suas chances futuras, especialmente o lugar do trabalho em seu projeto de vida. Bock e Liebesny (2003) chamam atenção para o fato de que, embora se refiram ao futuro, é no presente que os projetos de vida são construídos e constituídos, estando eles relacionados à construção da identidade - processo contínuo, fruto de sua pertinência a um grupo social em que concretiza as relações de produção de si mesmo e da realidade na qual se insere.

Assim, ao serem indagados sobre quais as expectativas profissionais que têm para a próxima década os jovens destacaram, entre outros indicadores, que entendem que tudo será mais tecnológico e interligado; poderão exercer bons empregos e trabalhar em empresa multinacional; estarão estabilizados profissionalmente; estarão formados, empregados, com uma vida estável e respeitados no meio do trabalho. Acreditam que terão um emprego fixo, que será exigida maior qualificação profissional e que deverão ter entendimento amplo sobre o mundo.

As respostas evidenciam que ainda é bastante presente, nas representações dos jovens, a ideia de emprego, já que não foi identificada nenhuma referência a experiências de empreendedorismo, por exemplo. Num contexto de intensas transformações sociais em que trabalho nem sempre está ligado ao emprego, tais expectativas parecem ameaçadas, já que o avanço tecnológico está constituindo um processo de produção envolvido pela microeletrônica e automatização, dispensando a atuação humana.

É preciso considerar que o trabalho está perdendo o seu papel associativo e a proteção política e está se tornando mais racionalizado e precarizado (OFFE, 1994). Por outro lado, Antunes (2000, 2005) e Harvey (2005) reafirmam a importância dele para a sociedade, mesmo que a sua concepção atual precise ser redimensionada. Assim, neste estudo, os jovens foram indagados sobre o que é e qual o sentido do trabalho e as respostas revelam que o trabalho é relacionado a esforço físico e mental para auferir renda, ou seja, trabalho significa estabilidade financeira. Em menor proporção, o destacam como forma de subsistência, prazer, satisfação pessoal, aplicação de conhecimentos, sinônimo de dignidade e honra e sentido para a vida. Como demonstram os dados, os jovens envolvidos neste estudo se manifestaram de forma otimista quando indagados sobre as expectativas em relação ao trabalho e emprego no futuro.

5. Considerações finais

Visando maior compreensão sobre as expectativas dos jovens em relação ao mundo do trabalho, o presente estudo voltou-se para a análise dos sentidos e perspectivas que estão sendo vivenciados. A busca de maior conhecimento sobre esta temática se deu, portanto, envolvendo jovens estudantes que frequentam cursos técnicos e superiores e que, por isso, buscam formação profissional para se inserirem no mundo do trabalho, configurando, desta forma, reflexões sobre as juventudes da atualidade que se encontram estudando.

Nesse contexto, considerando as contribuições dos autores e os dados que foram coletados, depreende-se que as juventudes são repletas de sentidos e significados sociais dados pela sociedade em que está inserida. Nesta dinâmica, o mundo do trabalho é uma das portas onde os jovens vislumbram a possibilidade de concretizar sonhos, participar mais ativamente da vida social e conquistar autonomia pessoal, ou seja, o mundo do trabalho é, ainda, fundamental para a formação da identidade social.

Os dados produzidos indicam que as percepções dos jovens sobre o mundo do trabalho na atualidade estão associadas a um plano individual otimista relacionado com a força de vontade, determinação, realização pessoal, independência financeira e pessoal. Eles anseiam por uma formação profissional que lhes oportunize a aproximação ao mundo do trabalho, estão iniciando o processo de inserção profissional num contexto onde o uso das tecnologias é cada vez maior e desejam ter ocupações que lhes permitam estabilidade e boa perspectiva de futuro.

Diante de um mundo do trabalho que está passando por transições decorrentes de mudanças estruturais nos sistemas produtivos, os jovens, em muitos aspectos, não são diferentes dos demais trabalhadores, sendo que possuem suas particularidades, ou seja, são inexperientes e ainda não apresentam tanta maturidade. A inserção de jovens no mundo do trabalho é algo que preocupa muitos jovens na atualidade, e abordar essa temática constitui desafio que permanece pela atualidade. Como destaca Scheinvar e Cordeiro (2007, p. 2) “[...] a experiência da situação juvenil, para a maioria, da população, é marcada pela vivência de uma complexa e preocupante situação de instabilidade no presente e incerteza frente ao futuro.

Muitas dúvidas ainda pairam sobre as reflexões da relação entre as juventudes e o mundo do trabalho. As contribuições dos autores referenciados neste trabalho, assim como os dados que foram apontados pelos jovens envolvidos, possibilitaram entendimentos acerca desta relação, assim como evidenciaram motivos para se continuar insistindo em investigações voltadas para esta fase da vida humana. Por se tratar de uma análise inacabada, sugerimos outras buscas teóricas e análises de outros contextos juvenis que problematizem a condição das juventudes e suas expectativas em relação ao mundo do trabalho. As considerações aqui situadas requerem ser aprofundadas e melhor validadas em outras investigações, na perspectiva da recriação das juventudes.

Referências

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ANDRADE, C. C. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Mercado de trabalho**: conjuntura e análise, n. 37, nov. 2008. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/4077>. Acesso em: 29 jun. 2021.
- ANDRADE, T. D. A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: ArtMed, 1997. p. 123-134.
- ANGELI, Gislaine. Juventudes e trabalho: o discurso dos jovens sobre educação profissional no ensino médio. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, 2019.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. Ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo. Boitempo: 2018.

AQUINO, Luseni M. A juventude como foco de políticas públicas. In: CASTRO, Jorge A.; AQUINO, Luseni M.; ANDRADE, Carla C. (Org.). **A juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009. p. 25-39.

BAPTISTA, I. **Capacidade ética e desejo metafísico**: uma interpelação à razão pedagógica. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

BAUDETOT, Cristian. As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior. **Pro-Posições**, v. 15, n. 2 (44) maio/ago. 2004.

BARBOSA, Maria Cristina de Q. O ensino médio como meio de inserção do jovem no mercado de trabalho. Trabalho apresentado no VII Congresso Macionalde Educação – Conedu. Maceió, 2020. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA12_ID3999_26082020100708.pdf

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOCK, A. M. B.; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (org.), **Adolescência construída**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 203- 222.

CARA, D. T. et al. (orgs.). **Política Nacional de Juventude**: diretrizes e perspectivas. São Paulo: Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE); Fundação Friedrich Ebert, 2006. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/39>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CARRANO, Paulo; FALCÃO, Nádia. Os Jovens e a escola de ensino médio: adiantamento ou encontro mediado com o mundo do trabalho? In: TIRIBA, Lia; CIAVATTA, Maria (orgs.) **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: UFF, 2011. p. 165-197.

CARRANO, P. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento-Revista de educação**, n. 01, 18 dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32415>. Acesso em: 29 jun. 2021.

CORDEIRO, J. P. Modalidades de inserção profissional dos quadros superiores nas empresas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 38, p. 79-98, 2002.

COUTINHO, Silva; NOVAES, Diva Valério; QUEIROZ, Cileda de. **Estatística para educação profissional e tecnológica**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2013.

DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/educacao/113>. Acesso em: 22 abr. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, C. A. et al. Educação e trabalho: representações de professores e alunos do ensino médio. **Ensaio**: avaliação e políticas públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399537942002>. Acesso em: 22 jun. 2021.

- GOULART, Marcos Vinicius da Silva. **Produção da juventude como um objeto de saber pedagógico nos discursos sobre o ensino médio no Brasil**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2018.
- GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Paco Editorial, 2017.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 14. ed. São Paulo: Loyola. 2005.
- ITAU EDUCAÇÃO E TRABALHO. **Educação Profissional e Tecnológica Emancipatória: Juventudes e Trabalho**. São Paulo: Fundação Itaú para a Educação e Cultura, 2020.
- KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução: Frank Muller. 3. ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- MAIA, A. A. R. M.; MANCEBO, D. Juventude, trabalho e projetos de vida: ninguém pode ficar parado. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 376-389, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vKJLsdkB4f7TqpdbmzJcYMR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 2 de julho de 2021.
- MELO, Carolina Morais Simões de. Juventude e educação para o trabalho: a experiência de uma geração. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, n. 44, v. 17, p. 209-223, 2019.
- MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: FÁVERO, O. et al (orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/39>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- MORAES, J. P.; ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Juventude, formação e trabalho: aproximando as teorias de inserção profissional e school-to-work. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/nHDHRYFHHZMphQYjPbvm6GJ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.
- NG, T. W. H.; FELDMAN, D. C. The school-to-work transition: A role identity perspective. **Journal of Vocational Behavior**, Amsterdam, v. 71, n. 1, p. 114-134, 2007. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0001879107000395?via%3Dihub>. Acesso em: 21 jun. 2021.
- NOVAES, R. R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: Ciência e Vida**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6-15, 2007.
- OFFE, C. Trabalho: a categoria sociológica chave. In: OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 167-197.
- PACHECO, E. M. **Os Institutos Federais: uma revolução na educação profissional e tecnológica**. Natal: IFRN, 28 p. 2018.

PARIZOTTO, A. P. A. V.; TONELLI, M. J. F. Juventude: desafiando a definição predominante através dos tempos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 23, n. 41, p. 91-92, 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20181>. Acesso em: 03 jul. 2021.

POCHMANN, M. **A batalha do primeiro emprego**: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Brasil, 2000.

POCHMANN, M. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo. 2001.

QUIROGA, C. O (não-) trabalho: identidade juvenil construída pelo avesso. **Praia Vermelha: estudos de política e teoria social**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 36- 52, jan./jun. 2002.

RIFKIN, J. **O fim dos empregos**: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1995.

ROCHA-DE-OLIVEIRA, S. Inserção profissional: perspectivas teóricas e agenda de pesquisa. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 124-135, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11087/7882>. Acesso em: 03 jul. 2021.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-56, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722005000100008&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 23 out. 2020.

SCHEINVAR, E.; CORDEIRO, D. Juventude em “risco social”? Dilemas e perspectivas por entre as pedras das políticas públicas dirigidas aos jovens. In: IV Seminário Internacional As Redes de Conhecimento e a Tecnologia: Práticas Educativas, Cotidiano e Cultura, 2017, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2007, p.1-9.

SPOSITO, M. P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.

SPOSITO, M. P. **Os jovens no Brasil**: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

Recebido em: 08/08/2021

Aceito em: 16/05/2022

Endereço para correspondência:

Nome: Josimar de Aparecido Vieira

Email: josimar.vieira@sertao.ifrs.edu.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)